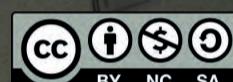


Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães

estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas
do Nordeste Brasileiro

Desigualdad, Violencia de Género y Precariedad Subjetiva entre Docentes Mujeres Madres:
Estudio fenomenológico en universidades públicas interiorizadas de nordeste brasileño

Inequality, Gender-based Violence and Subjective Precariousness Among Mother
Professors: A phenomenological study in public universities in brazilian northeast interior



Shirley Macêdo

Samuel Souza Rios Lima Araújo

Kamila Cristina Freire da Silva

Pathdoc

Photo By/Foto:

Rip
18³

Volumen 18 #3 sep-dic
18 Años



© Planeta Formación y Universidades



Revista Iberoamericana de
Psicología

ISSN-I: 2027-1786 | e-ISSN: 2500-6517
Publicación Cuatrimestral

ID: [10.33881/2027-1786.rip.18307](https://doi.org/10.33881/2027-1786.rip.18307)

Title: Inequality, Gender-based Violence and Subjective Precariousness Among Mother Professors

Subtitle: A phenomenological study in public universities in brazilian northeast interior

Título: Desigualdad, Violencia de Género y Precariedad Subjetiva entre Docentes Mujeres Madres

Subtítulo: Estudio fenomenológico en universidades públicas interiorizadas de nordeste brasileño

Titulo: Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães

Subtítulo: Estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro

Alt Title / Título alternativo:

[en]: Inequality, Gender-based Violence and Subjective Precariousness Among Mother Professors: a phenomenological study in public universities in brazilian northeast interior

[es]: Desigualdad, Violencia de Género y Precariedad Subjetiva entre Docentes Mujeres Madres: estudio fenomenológico en universidades públicas interiorizadas de nordeste brasileño

[pt]: Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães: estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro

Author(s) / Autor(es):

Macêdo, Souza Rios Lima Araújo & Freire da Silva

Keywords / Palabras Clave:

[en]: Gender-based violence, Higher education, Maternity, Teaching

[es]: Educación superior, Madre, Mujer científica, Violencia de género,

[pt]: Docência, Educação superior, Maternidade, Violência de gênero

Financiación / Funding:

El manuscrito proviene de una investigación financiada por el Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica (PIBIC CNPq-UNIVASF 2024-2025).

Submitted: 2024-11-13

Accepted: 2025-03-22

Resumen

La meritocrática neoliberal generó precarización y precariedad subjetiva en las universidades públicas brasileñas, que instituyeron rigurosos criterios de desempeño, llevando al productivismo académico. Marcadores sociales de género producen desigualdades, violencia y discriminación para docentes madres. El objetivo del estudio fue comprender experiencias de docentes mujeres madres actuantes en universidades públicas brasileñas nordestinas, buscando investigar relaciones entre desigualdad, violencia de género y precariedad subjetiva; e identificar estrategias de enfrentamiento utilizadas por esas docentes. Usando el método fenomenológico de tendencia empírica, se entrevistaron cinco docentes de diferentes áreas. El análisis de los resultados llevó a la comprensión de que esas mujeres vivenciaban sentimiento de injusticia institucional delante de las limitaciones impuestas a ellas, estagnación en la carrera, sentimiento de que la política universitaria no da espacio para las mujeres madres en la gestión, deslegitimación masculina en relación a los méritos intelectuales y competencias profesionales de la docente mujer, intimidación delante del contexto mayoritariamente masculinizado del trabajo y frustración por tener que aceptar no acompañar el ritmo de productivismo académico entrelazada a la auto cobranza para acompañar. Ellas enfrentaban la situación imponiéndose delante del machismo estructural, afirmando la escucha en ser madre y dando prioridad a la maternidad en detrimento de la docencia. Se concluyó que hay urgencia de políticas públicas que aseguren derechos a las docentes madres, previenen impactos en la salud mental de esas mujeres y deconstruyen la lógica meritocrática vigente y el machismo estructural, visando disminución de las desigualdades y de la violencia de género en las universidades públicas brasileñas.

Abstract

Neoliberal meritocratic logic has generated job insecurity and subjective precariousness in Brazilian public universities, which have implemented strict performance criteria, leading to academic productivity. In this scenario, social markers of gender produce inequalities, violence, and discrimination, especially for mother professors. In view of this, this study aimed to understand the experiences of mothers working in Brazilian public universities in the interior of the Northeast region. It sought to investigate the relationships between inequality, gender-based violence, and subjective precariousness; and to identify coping strategies used by these professionals. Using the empirical phenomenological method, interviews were conducted with five professors from different fields of knowledge. The analysis revealed that these women experienced feeling of institutional injustice given the limitations imposed on mothers, stagnation in their careers following motherhood, feeling that university policy does not allow space for mothers in management, male delegitimization of their intellectual merits and professional skills, intimidation in the face of the predominantly male work environment, and frustration due to the inability to keep pace with academic productivity demands linked to self-expectations. However, they confronted their situation by asserting themselves against structural machismo, affirming their choice to become mothers while prioritizing motherhood over teaching. There is an urgent need for public policies that secure the rights of mother professors, safeguard their mental health, and deconstruct the prevailing meritocratic logic and structural machismo. Such measures aim to reduce inequalities and gender-based violence in Brazilian public universities.

Resumo

A lógica meritocrática neoliberal gerou precarização no trabalho e precariedade subjetiva nas universidades públicas brasileiras, que instituíram rigorosos critérios de desempenho, levando ao produtivismo acadêmico. Nesse cenário, marcadores sociais de gênero produzem desigualdades, violência e discriminação, principalmente para docentes mães. Diante disso, o objetivo do presente estudo foi compreender experiências de docentes mulheres mães atuantes em universidades públicas brasileiras nordestinas, buscando investigar relações entre desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva; e identificar estratégias de enfrentamento utilizadas por essas docentes. Usando o método fenomenológico de tendência empírica, entrevistaram-se cinco docentes de diferentes áreas de saber. A análise dos resultados levou à compreensão de que essas mulheres vivenciavam sentimento de injustiça institucional diante das limitações impostas às docentes mães, estagnação na carreira docente após a maternidade, sentimento de que a política universitária não dá espaço para as mulheres mães na gestão, deslegitimização masculina em relação aos méritos intelectuais e competências profissionais da docente mulher, intimidação diante do contexto majoritariamente masculinizado do trabalho e frustração por ter que aceitar não acompanhar o ritmo de produtivismo acadêmico atrelada à autocobrança para acompanhar. No entanto, elas enfrentavam a situação impondo-se diante do machismo estrutural, afirmando a escolha em ser mãe e dando prioridade à maternidade em detrimento da docência. Concluiu-se que há urgência de políticas públicas que assegurem direitos às docentes mães, previnam impactos na saúde mental dessas mulheres e deconstruam a lógica meritocrática vigente e o machismo estrutural, visando diminuição das desigualdades e da violência de gênero nas universidades públicas brasileiras.

Citar como:

Macêdo, S., Souza Rios Lima Araújo, S. & Freire da Silva, K. C. (2025). Desigualdad, Violencia de Género y Precariedad Subjetiva entre Docentes Mujeres Madres: Estudio fenomenológico en universidades públicas interiorizadas de nordeste brasileño. **Revista Iberoamericana de Psicología**, 18 (3), 77-90. Obtenido de: <https://reviberopsicologia.ibero.edu.co/article/view/3170>

Dra Lic Shirley Macêdo, Dra Mgtr Psi
Research ID: [D-7189-2018](#)
ORCID: [0000-0003-1619-2353](#)

Source | Filiacion:
Universidade Federal do Vale do São Francisco

BIO:
Doctora en Psicología Clínica con Post-Doctorado en Psicología del Trabajo y Desarrollo Humano. Coordinadora del Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitario (NuCEU). Docente Investigadora

City | Ciudad:
Recife [br]

e-mail:
shirley.macedo@univasf.edu.br

Dr Lic Samuel Souza Rios Lima Araújo, Dr Mgtr Qui
ORCID: [0000-0002-9464-2957](#)

Source | Filiacion:
Universidade Federal do Vale do São Francisco

BIO:
Estudiante de Psicología. Becario del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica CNPq-Univasf.

City | Ciudad:
Jacobina [br]

e-mail:
samuel.araujo@discente.univasf.edu.br

Kamila Cristina Freire da Silva, Mgtr
ORCID: [0009-0005-9207-9813](#)

Source | Filiacion:
Universidade Federal do Vale do São Francisco

BIO:
Estudiante de Psicología. Becario del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica CNPq-Univasf.

City | Ciudad:
Juazeiro [br]

e-mail:
kamila.cristina@discente.univasf.edu.br



Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães

estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro

Desigualdad, Violencia de Género y Precariedad Subjetiva entre Docentes Mujeres Madres: Estudio fenomenológico en universidades públicas interiorizadas de nordeste brasileño

Inequality, Gender-based Violence and Subjective Precariousness Among Mother Professors: A phenomenological study in public universities in brazilian northeast interior

Shirley Macêdo

Samuel Souza Rios Lima Araújo

Kamila Cristina Freire da Silva

Introdução

A reestruturação produtiva dos anos 1980 e todas as transformações ocorridas no mundo do trabalho em virtude do neoliberalismo culminaram no que alguns autores chamam de precarização do trabalho, caracterizada, principalmente, pela falta de proteção social e garantia de direitos sociais (**Hirata, 2020; Leite, 2020; Souza et al., 2017**). Nesse sentido, os modos contemporâneos de gestão e organização do trabalho, aliados à lógica do capitalismo flexível, deram ênfase a mecanismos de controle visando o aumento de produção em detrimento da subjetividade do trabalhador envolvido.

Esse processo resultou em valores como individualismo, competitividade, rigidez e busca por alto desempenho (**Souza et al., 2017**), os quais têm estreita relação com a cultura contemporânea da alta performance, na qual o foco na excelência e na pressão por produtividade levam a relações não solidárias nem cooperativas entre colegas de trabalho (**Macêdo, 2020**).



A lógica do neoliberalismo se inseriu em todas as relações sociais e esferas da vida, gerando modos de vida que se pautam na precariedade, reestruturando uma nova subjetividade por meio do trabalho precário. Nesse cenário, o Brasil, atravessado por uma sociedade autoritária e oligárquica, afetado pelo Estado privatizado, não conseguiu consagrar políticas de bem-estar, o que favoreceu a captura da subjetividade humana pela lógica do capital, surgindo um novo tipo de trabalhador, uma nova forma de organização familiar e novas formas de coesão moral. Em consequência, o trabalhador não pode mais almejar a estabilidade, planejar a própria vida e cuidar da própria saúde; tem medo do futuro, vive em um crônico estado de incerteza e em meio a uma crise de solidariedade (Behar, 2019; Leite, 2020).

A partir dos anos 1990, essa lógica neoliberal invadiu as organizações públicas, a exemplo das universidades brasileiras, promovendo o que Slaughter e Leslie (1997) chamavam de capitalismo acadêmico. Consequentemente, em virtude de mudanças nos modos de conduzir as atividades de ensino, pesquisa e extensão, do acúmulo de funções e do produtivismo acadêmico (Bernardo, 2014; Souza et al., 2017), os trabalhadores de educação superior passaram a enfrentar a precarização do trabalho.

Considerando-se que esses novos modos de viver e trabalhar podem levar o trabalhador a experimentar o processo denominado por Linhart (2009) de precariedade subjetiva (sensação de estranheza no trabalho, caracterizada por sentimentos de isolamento e abandono diante de exigências que se acredita não ter condições de atender), pode-se questionar se os docentes universitários estariam confiando em suas rotinas profissionais, em suas redes, em seu know-how acumulado através da experiência, tendo a sensação de não dominar seu fazer. Portanto, esse trabalhador pode estar se esforçando continuamente para desenvolver habilidades, se adaptar e cumprir metas; tudo isso para evitar se colocar em risco físico ou moral.

Neste cenário, acredita-se que marcadores sociais de gênero são variáveis intervenientes, pois esses marcadores influenciam a posição de um sujeito na sociedade, bem como as oportunidades e experiências que ele pode ter. Como alerta Filsinger et al. (2022), evidencia-se, a partir desses marcadores, desigualdades e discriminação, no que concerne a oportunidades e experiências no trabalho para mulheres, principalmente as que são mães, que constituem grupos minoritários, mais vulneráveis e menos protegidos, tanto pela legislação do trabalho quanto pelos sindicatos.

Acreditando-se que a precarização do trabalho promoveu processos de desigualdade social e precariedade subjetiva (Leite, 2020), que docentes mulheres mães são mais vulneráveis diante desse processo (Filsinger et al., 2022) e que esse cenário é perpassado por violência de gênero, reconhece-se a necessidade de estudos que compreendam melhor esses processos em universidades públicas brasileiras interiorizadas, considerando que pesquisas dessa ordem podem fornecer indicadores para que sejam elaboradas políticas públicas que garantam equidade de gênero no ensino superior público brasileiro.

Diante do exposto, partem-se dos seguintes questionamentos que fundamentam o problema em estudo: como se dão as experiências de docentes mulheres mães frente à precarização do trabalho em universidades públicas brasileiras interiorizadas? Há relação entre desigualdade social, violência de gênero e precariedade subjetiva nessas docentes? Quais fatores caracterizariam a precarização das situações de trabalho, a partir da percepção dessas docentes, que permitem relacionar esses fenômenos? Quais possíveis estratégias de enfrentamento essas docentes empregam frente a esses fenômenos?

Respondendo a esses questionamentos, está-se investindo na continuidade das pesquisas realizadas sobre saúde mental na comunidade acadêmica e fortalecendo parcerias com outros grupos de pesquisa. Por fim, acredita-se que os resultados a serem alcançados nessa pesquisa podem ser base para garantir uma convivência e uma formação universitária interiorizada mais igualitária e antissexista, o que também contribui para a Psicologia, usando palavras de Silva e Euclides (2022, p. 86), como “**uma ciência plural**” que visa “**uma sociedade mais humanizada**” com saúde e qualidade de vida.

Marco Teórico

O processo de precariedade subjetiva promove sofrimento e adoecimento psíquico (Linhart, 2009), que são rupturas nos modos como o trabalhador vivencia essa experiência subjetiva do trabalho (Fernández-Zoila, 2016). Assim, o sujeito pode se impor o máximo de desempenho, chegando à exaustão física e mental, naturalizando a competição, o medo do fracasso e da exclusão, o sentimento de inadequação e/ou incompetência.

Dir-se-ia, com Han (2017), que esse sujeito, portanto, vive uma liberdade paradoxal: está sozinho consigo mesmo, mas se sente depressivo e fracassado como “**empresário de si mesmo**”; está esgotado de ser quem é, sentindo-se consumido por um processo interno de conflito entre a tendência a priorizar tudo o que lhe diz respeito e, ao mesmo tempo, a se isolar perigosamente. Desta feita, ele pode silenciar seu sofrimento, não assumir e nem revelar suas fragilidades pessoais, pois está envolvido com o fantasma da exclusão, carente de espaços coletivos de convivência e solidariedade, restando apenas responsabilizar-se e culpabilizar-se pelo próprio fracasso, o que pode tornar seu sofrimento no e por causa do trabalho insuportável (Macêdo, 2018).

A precariedade subjetiva tem relação com a precarização do trabalho nas universidades públicas (Macêdo, 2024), desde que nelas o produtivismo acadêmico resultou na valorização da quantidade de orientações e horas-aula na pós-graduação (Bernardo, 2014). Para tanto, estabeleceram-se rigorosos critérios de avaliação (Souza et al., 2021), valorizando-se quantidade de publicações em periódicos de alta qualificação, passando a avaliação do trabalho docente ser fortemente centrada nos indicadores de produtividade. Portanto, a competitividade e a diminuição da sensibilidade à alteridade são resultantes dessa lógica meritocrática referente ao gerencialismo “**importado**” das organizações privadas, levando alguns docentes a se embeverem de suas vaidades intelectuais (Carvalho et al., 2020), negarem os próprios limites e silenciarem seu sofrimento, mesmo enfrentando a sobrecarga de trabalho.

Ribeiro e Leda (2016) defendem que docentes universitários se tornaram propensos a internalizar os mecanismos de controle organizacional, ao mesmo tempo em que adotaram uma rigorosa autogestão que se sobrepõe ao controle externo, destinando uma significativa parcela dos seus dias para cumprir as exigências institucionais que lhe são impostas. Buscando superar constantemente seus resultados, terminam alimentando o modelo perverso de gestão, ficando fascinados pelo sucesso e reconhecimento acadêmico e transformando-se em algozes de si mesmos. “**Na busca frenética pelo prestígio profissional, os docentes tornam-se vulneráveis, podendo ser cooptados pelo viés ideológico exercido pelo gerencialismo**” (Ribeiro & Leda, 2016, p. 111).

Resulta, daí, um ambiente nocivo, competitivo e individualista nas universidades contemporâneas, onde a vivência da precariedade subjetiva pode provocar danos à saúde física e mental do trabalhador – mesmo que ele não tenha claro o nexo causal trabalho-adoecimento. Pode-se dizer, então, que, diante do cenário em que se situam as universidades, como contexto produtivo de trabalho, muitos docentes vêm passando por quadros de sofrimento existencial intenso, adoecimento psíquico e/ou crise psíquica grave (**Leonello & Oliveira, 2014; Oliveira et al., 2017**). Além disso, no contexto organizacional, esses profissionais podem enfrentar autoritarismo, dominação, discriminação e assédio moral (**Do Nascimento & Macêdo, 2019; Macêdo, 2018**). Vivendo na ânsia de “**fazer parte**” no cenário contemporâneo de produtividade, sequer dispõem de ferramentas internas para enfrentamento dessas dificuldades.

Para além das questões que envolvem o produtivismo acadêmico, outras problemáticas sociais afetam diretamente o trabalho nas instituições de ensino superior. Segundo Maito et al. (2019), sendo as universidades parte da sociedade, elas não estão imunes às discriminações sociais e sofrem influências da ideologia dominante. A exemplo, temos a violência contra a mulher, que é estrutural e se reproduz nessas instituições, afetando a saúde mental das mulheres da comunidade acadêmica, sejam docentes, estudantes, técnicas em educação superior ou terceirizadas. Portanto, para os autores, as universidades precisam mapear a problemática para seu devido enfrentamento, acolhendo e dando atenção integral às vítimas, responsabilizando agressores, prevenindo ou mesmo sensibilizando e educando todos contra essa violência.

No entanto, como alerta Oliveira (2019), nas universidades públicas há denúncias de casos difíceis de se formalizar diante do poder do agressor e do receio da resposta que as instituições darão ao problema, tornando as violências cometidas contra servidoras e terceirizadas pouco visíveis. Assim, “**a falta de canais confiáveis de acolhimento, denúncia e responsabilização e as experiências anteriores de denúncia com resultados desfavoráveis para as vítimas acaba por desincentivar novas denúncias e perpetuar a invisibilidade e banalização do problema**” (Oliveira, 2019, p. 3).

Além disso, a desigualdade de inserção de docentes dos sexos masculino e feminino na carreira acadêmica ocorre principalmente em dois sentidos: concentração do sexo feminino em certas áreas de conhecimento e uma menor concentração das mulheres em posições mais altas da carreira ou “**em cargos associados a melhores salários, maior prestígio acadêmico, mais poder universitário etc.**” (Moschkovich & Almeida, 2015, p. 751).

Para Santos e Andrade (2021), o sexismo estrutural dificulta o acesso e a permanência de mulheres no magistério superior, pois questões de gênero atravessam o cotidiano universitário, naturalizam a hierarquia e a inferiorização de grupos minoritários. Portanto, “**a precarização do trabalho docente atinge de modo desigual as pessoas conforme seus corpos políticos**” (p.47). Já para Silva e Euclides (2022), as desigualdades de gênero e raça influenciam na trajetória dessas pessoas como docentes pesquisadoras, principalmente em casos de interseccionalidade (quando alguém inclui os dois marcadores, como, por exemplo, mulheres negras), já que o racismo institucional nas universidades é naturalizado e reproduzido cotidianamente nesses espaços arbitrários de poder masculino e marcado pela diferença entre saber e poder.

Diante do exposto, acredita-se que marcadores de gênero têm relação com o processo de precariedade subjetiva das docentes frente à precarização do trabalho, aos valores internalizados da cultura da alta performance e à meritocracia referente ao gerencialismo das

universidades públicas. Na condição de assujeitamento ao sistema, docentes mulheres mães podem estar sendo servas voluntárias da precarização das situações de trabalho e do produtivismo acadêmico; podem estar se sentindo sozinhas, isoladas e descrentes no próprio potencial. Junta-se a isso a competitividade acirrada e a falência de vínculos, elas podem estar carentes de possibilidades coletivas de transformação da realidade.

Destarte, como propõem Souza et al. (2017, p. 3669), já que “**o trabalho dessas profissionais vem sofrendo alterações profundas [há] a necessidade de novos estudos que permitam dar visibilidade aos problemas relacionados à saúde das professoras da educação pública superior no Brasil**”, principalmente aquelas afetadas por marcadores sociais de gênero. Ademais, como aponta Leite (2020), um tipo de precarizado é o trabalhador instruído, com alta escolaridade, mas fortemente afetado pela frustração, o que deve mobilizá-lo para o protesto e a manifestação para lutar contra a precarização do trabalho. Sendo necessário, portanto, compreender tanto o processo de precariedade da vida quanto os possíveis processos de resistência desse sujeito, já que suas experiências são concretas, vividas, corporificadas.

Torna-se interessante, entretanto, atentar para determinados cenários sociais das universidades públicas, como o Nordeste brasileiro, por exemplo. Entre 2003 e 2007, o Governo brasileiro iniciou o processo de interiorização do ensino superior público federal, expandindo ou criando diversas instituições no Nordeste do Brasil (Araújo & Cusati, 2019), o que favoreceu o acesso de estudantes a uma universidade pública mais próxima de suas moradias, o desenvolvimento de pesquisas locais e o acesso da comunidade a serviços de qualidade. No entanto, essa expansão foi contraditória, desordenada e multifacetada, tendo implicações na subjetividade e na saúde dos docentes, justamente devido à naturalização das práticas gerencialistas que assolavam a gestão pública e, portanto, a “**nova universidade**” (Ribeiro et al., 2015).

Autores como Bernardo (2014), Romanini (2021), Santos (2012), Santos & Andrade (2021) e Rodrigues et al. (2020) apontaram competitividade, obsessão em vencer e obter sucesso, atividades que se estendem para além do expediente com perda de controle sobre o próprio trabalho, reprodução da lógica capitalista neoliberal, normalização de processos avaliativos, ética individualista, neutralização de lutas coletivas, desgaste mental, comprometimento do sentido do trabalho, desestabilização da identidade docente, sofrimento e processos adoecedores. Outros estudos avançaram na compreensão da relação entre precarização no trabalho e saúde mental dos docentes de universidades públicas do Nordeste, comprovando que a desordenação da expansão do ensino superior público no Brasil gerou precarização do trabalho docente, falta de docentes qualificados, pouca oferta de docentes e sobrecarga laboral, o que culminou em transtornos mentais e do comportamento, insatisfação com o trabalho e processos de adoecimento que podem levar ao Burnout (Coêlho et al., 2016; Guerreiro, 2015; Jardim et al., 2022; Teixeira et al., 2023).

Enquanto estudos focaram o produtivismo acadêmico (**por exemplo, De Farias Jr., 2020; Leite, 2017; Teixeira et al., 2020; Vieira et al., 2021**), apontando, por exemplo, como os docentes nordestinos introjetaram o ritmo do produtivismo acadêmico e se culpam por não saber lidar com ele; autores denunciaram dados do Censo de Educação Superior (INEP, 2019, 2020), destacando a hegemonia da presença do homem branco como docente nas universidades públicas brasileiras (**mais de 50%**), em detrimento de mulheres brancas (**pouco mais que 30%**) e mulheres negras (**menos de 3%**), o que naturaliza o sexismo e o racismo. No entanto, há carência de pesquisas realizadas em universidades públicas nordestinas interiorizadas, notadamente sobre a relação entre desigualdades, violência de gênero e precariedade



subjetiva da docente universitária mulher mãe, sobretudo pesquisas fenomenológicas que foquem na vivência singular dessa experiência.

Diante deste cenário, o objetivo traçado para o recorte da pesquisa identificada na nota de rodapé da primeira página desse artigo foi compreender experiências de docentes mulheres mães atuantes em universidades públicas brasileiras nordestinas interiorizadas, buscando investigar relações entre desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva, assim como identificar estratégias de enfrentamento utilizadas por essas docentes, considerando-se os marcadores sociais de gênero.

Método

Tipo de Estudo

A presente pesquisa é caracterizada como qualitativa fenomenológica de tendência empírica.

Desenho

Em pesquisa fenomenológica, busca-se compreender significados e sentidos para sujeitos que vivenciaram determinada experiência, construindo-se conhecimentos também levando em consideração a subjetividade do próprio pesquisador na produção de sentidos no diálogo com os sujeitos da pesquisa (Amatuzzi, 2008; Holanda, 2006; Macêdo, 2015). Nesse sentido, focado na experiência a ser investigada, o pesquisador deve também estar atento aos sentidos e afetações subjetivas que essa experiência tem para ele, pois o movimento deve ser de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo (Forghieri, 1993).

Participantes

Participaram da pesquisa cinco docentes mulheres mães, atuantes em diversos cursos de graduação presenciais de três universidades públicas brasileiras nordestinas interiorizadas. Incluíram-se docentes de diferentes idades, estados civis, quantidade de filhas(os), tempo de serviço e titulação; que eram professoras efetivas e com regime de 40h. Foram excluídas as docentes do rol de relacionamento pessoal da equipe de pesquisa e quem, por algum motivo, se desvinculou da universidade em que atuava durante o período da pesquisa.

Tipo de Amostragem

Em pesquisa qualitativo-fenomenológica, o pesquisador deve privilegiar manifestações singulares de fenômenos para analisar as vivências de situações cotidianas por determinado sujeito, não cabendo amostragem probabilística nem número elevado de participantes (Chizotti, 2006; De Castro & Gomes, 2011), pois visa-se garantir resultados representativos das características de determinada população e descrição acurada de experiências vividas em determinado tempo, espaço e lugar. Portanto, para a presente pesquisa, definiu-se intencionalmente a amostra de acordo com o prazo de conclusão da pesquisa e a necessidade de tratamento delongado e descritivo dos dados (Fontanella et al., 2008; Gil, 2019; Macêdo, 2015).

Procedimento

Para alcançar a amostra pretendida, a pesquisa foi divulgada nas redes sociais (Instagram e WhatsApp) e por e-mail para as coordenações dos cursos das instituições envolvidas, informando objetivos, público-alvo e detalhamento da coleta dos dados. Os bolsistas de Iniciação Científica (IC) agendaram previamente uma sala no serviço escola de uma das universidades, o qual tinha condições de garantir o sigilo das entrevistas. Para agendar data e horário da entrevista individual, eles entraram em contato por e-mail com os interessados em participar da pesquisa para agendamento da entrevista.

Técnica de Coleta de Dados

O instrumento utilizado foi a entrevista individual aberta com pergunta disparadora, a partir do qual buscou-se colocar a entrevistada em contato imediato com a experiência a ser relatada, a fim de compreender sentidos de experiências singulares, mas também como diferentes pessoas expericiem situações em comum (Amatuzzi, 2008; Andrade & Holanda, 2010; Macêdo & Caldas, 2011). A pergunta disparadora tem o objetivo de abrir o diálogo, mas o pesquisador pode inserir perguntas ao longo da entrevista, considerando os objetivos pretendidos, sempre dando prioridade à singularidade da experiência e ao relato da entrevistada.

Na presente pesquisa, a pergunta disparadora proferida foi “*Como se dá a sua experiência de ser docente, mulher e mãe na Universidade em que trabalha, considerando suas condições e relações de trabalho?*”. Cada entrevista durou de 20 a 50 minutos, foi registrada em gravador digital e posteriormente transcrita pelos bolsistas de IC para fins de análise.

Procedimento de Análise

Os relatos referentes às entrevistas das docentes participantes da pesquisa foram analisados fenomenologicamente a partir dos seguintes passos (Amatuzzi, 2008, 2009; Giorgi & Souza, 2010; Macêdo, Souza, Sudário & Nunes, 2021):

- a. Contato integral com a entrevista: cada membro da equipe de pesquisa leu cada entrevista quantas vezes foram necessárias para apreender significados da experiência narrada;
- b. Encontro com elementos significativos da experiência: em diálogo, os membros da equipe de pesquisa discutiram significados apreendidos que para eles estavam relacionados ao objetivo da pesquisa, sintetizando tais significados em linguagem psicológica;
- c. Síntese do relato individual: a partir da síntese em elementos significativos da experiência transformados em linguagem psicológica, os membros da equipe de pesquisa realizaram uma análise preliminar de cada entrevista e construíram um texto, que foi encaminhado por e-mail à respectiva participante, para que ela confirmasse, propusesse alterações ou mesmo negasse a análise preliminar realizada.
- d. Presentificação da experiência: após receber todas as devolutivas das análises preliminares individuais, os membros da equipe de pesquisa, em diálogo consensual, fizeram generalizações para a experiência investigada, sintetizando a análise final em Unidades de Sentido (US), considerando sentidos em comum compreendidos em todas as entrevistas.

Considerações Éticas

Como a pesquisa envolveu seres humanos, a equipe de pesquisa, visando atender aos preceitos éticos da Resolução CNS/CONEP 510/2016, cadastrou o projeto na Plataforma Brasil, sob CAAE (**informação suprimida**), o qual foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco (**CEP HU-Univasf**) que está cadastrado no sistema CEP/CONEP e o aprovou sob o parecer Nº 7.048.782, datado de 02/09/2024, para, só então, a pesquisa poder ser divulgada e iniciada.

A participação na pesquisa foi voluntária e foi garantido sigilo, confidencialidade e privacidade a todas as participantes durante e após o estudo. Cada docente só participou da pesquisa após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Utilização de Som de Voz para Fins de Pesquisa e teve todas as suas dúvidas sanadas.

Quadro 1
Dados Sociodemográficos das Participantes da Pesquisa

Nome	Idade	Estado Civil	Nº de filhos	Idade dos filhos	Titulação	Área de Atuação*	Tempo de Docência (anos)	Tempo na Universidade (anos)
Maria Aragão	43	Casada	1	14 anos	Doutora	Ciências Biológicas	14	12
Maria Bonita	42	Casada	2	12 e 9 anos	Doutora	Ciências da Saúde	16	14
Maria da Penha	37	Casada	1**	2	Doutora	Ciências Humanas	12	10
Maria Felipa***	39	União estável	2	8 e 4 anos	Doutora	Ciências da Saúde	5	3
Maria Quitéria	37	União estável	1	7 meses	Doutora	Ciências da Saúde	10	8

*Conforme classificação das grandes áreas da Capes.

** Grávida do segundo filho

*** Estrangeira que passou pela perda de um filho ao nascer.

Fonte: Autores (2024).

De acordo com o quadro 1, as participantes tinham idade entre 37 e 43 anos, portanto ainda em idades reprodutivas, uma das quais, inclusive, gestante. O número de filhos variava entre um e dois, com idades entre sete meses e 4 anos. O estudo de Staniscuaski et al. (2020) revelou que a faixa etária dos filhos impacta no produtivismo acadêmico de docentes mulheres mães, que tendem a produzir menos quanto mais novos forem seus filhos. No presente estudo, constatou-se que as mães de filhos mais novos e com menos tempo de docência sentiam-se mais impactadas com a diminuição da produtividade científica, como ver-se-á mais adiante.

Interessante perceber que todas as entrevistadas eram casadas ou em união estável, tendo companheiros com quem poderiam dividir os cuidados com a prole, que, em sua maioria, eram crianças pequenas. A maioria das docentes mães investigadas por Walczak e Silva (2022) também contava com apoio do núcleo familiar para a divisão dos cuidados dos filhos, em especial com o companheiro. No entanto, os autores constataram que essa divisão de atribuições em alguns casos era desigual, tal como apareceu em algumas das entrevistadas. Maria Aragão disse: “***Eu decido ir atrás do médico, eu tenho que marcar consulta, eu tenho que procurar algum procedimento. A carga de tomar a decisão é que eu acho mais pesada. Em relação a só partir da minha pessoa.***”

Resultados e Discussão

Para efeito de análise dos resultados, foram atribuídos às participantes pseudônimos referentes a mulheres nordestinas reconhecidas na história como heroínas, guerreiras, revolucionárias e/ou lutadoras: Maria Aragão, Maria Bonita, Maria da Penha, Maria Felipa e Maria Quitéria. A escolha desses pseudônimos se deu porque a equipe percebeu que o contexto vivenciado pelas docentes mulheres mães era repleto de batalhas contra o patriarcado, o machismo e a misoginia da região interiorana nordestina, reproduzidos nas universidades.

Os dados do estudo foram agrupados nos quadros 1 e 2, que apresentam, respectivamente, os dados sociodemográficos das participantes e as US compreendidas, que serão destacadas em negrito ao longo da discussão dos resultados.

Enquanto Maria Aragão denunciou com o trecho acima a desigualdade da sobrecarga dos cuidados da prole entre ela e o companheiro, Maria Felipa, apesar de ter indicado contar com total apoio do companheiro, em seu trecho de entrevista transcrita abaixo parece denotar uma certa internalização do machismo estrutural quando compara a dedicação deste companheiro com a de uma mãe. Veja-se:

Eu acho que eu tenho conseguido fazer as coisas que eu quero academicamente, pela parceria gigante que eu tenho com o pai dos meninos, o meu esposo. Porque assim, é uma mãe! Ele faz exatamente as mesmas coisas! A gente divide super de igual para igual. Ele fala que “a única coisa que eu não consegui foi dar o peito (Maria Felipa).

Outro dado que se sobressai é o fato dessas docentes serem, em sua maioria, de cursos da área de saúde. Oliveira e Pereira (2021) apontaram que as docentes dos cursos dessa área lidam com desafios específicos quando comparados às outras áreas, no que se refere à conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica, considerando-se as demandas de carga horária prática e atendimentos tanto aos discentes, quanto aos pacientes/usuários, o que torna as suas demandas mais intensas e pode impactar, acredita-se, na saúde física e mental dessas mulheres.



Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães

Estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro

Por fim, de acordo com o quadro 1, vê-se que o tempo de docência da maioria das entrevistadas era de 10 a 16 anos, mesmo que tivessem menos tempo no ensino superior público (*variando de 8 a 14 anos*). Segundo Korn et al. (2018), a precariedade presente no trabalho de mulheres docentes universitárias é intensificada quanto maior o tempo de docência, que leva a mais danos profissionais e impactos

na qualidade de vida. Portanto, expostas à precarização no trabalho e às desigualdades de gênero, pode-se afirmar que o tempo de ensino das participantes da presente pesquisa pode ser outro fator agravante do processo de precariedade subjetiva em que elas possivelmente se encontram.

Quadro 2

escrita das US e as respectivas participantes em que elas foram compreendidas

Unidade de Sentido	Descrição	Participante
US1: Sentimento de injustiça institucional diante das limitações impostas às docentes mães	Algumas participantes revelaram enfrentar desigualdades nas condições trabalhistas por serem docentes mães, principalmente em relação a alcançar métricas de carreira e/ou ter rede de apoio institucional.	Maria Bonita Maria Felipa Maria Quitéria
US2: Estagnação na carreira docente após a maternidade	Algumas docentes apontaram desigualdade entre a progressão da carreira entre homens pais e mulheres mães.	Maria Bonita Maria Felipa Maria Quitéria
US3: Sentimento de que a política universitária não dá espaço para as mulheres mães na gestão	Algumas docentes expuseram que elas e outras docentes sofriam exclusão institucional para assumir cargos de liderança por serem mães, às vezes enfrentando assédio moral no trabalho quando assumiram tais cargos.	Maria Bonita Maria Felipa
US4: Deslegitimização masculina em relação aos méritos intelectuais e competências profissionais da docente mulher	Algumas docentes revelaram que colegas e alunos homens desmereciam seus títulos em determinadas áreas predominantemente masculinas e duvidavam de suas inteligências e competências para lecionar em determinadas disciplinas.	Maria Aragão Maria da Penha Maria Quitéria
US5: Frustração por ter que aceitar não acompanhar o ritmo de produtivismo acadêmico atrelada à autocobrança para acompanhar	As docentes sentiam-se frustradas e se cobravam pelas perdas de oportunidades profissionais ao serem mães (como, por exemplo, não poder participar de congressos e publicar na sua área de interesse), principalmente nos anos iniciais da vida dos(as) seus(us) filhos(as).	Maria Bonita Maria Felipa Maria Quitéria
US6: Intimidação diante do contexto majoritariamente masculinizado do trabalho	Algumas docentes se sentiam intimidadas e silenciavam em relação às tomadas de decisões colegiadas em seus cursos.	Maria Felipa Maria Quitéria
US7: Imposição diante do machismo estrutural	Algumas participantes revelaram que precisavam se impor diante da negação de colegas homens e mulheres das atitudes machistas que enfrentavam, sentindo que seus argumentos eram invalidados.	Maria Aragão Maria da Penha Maria Quitéria
US8: Afirmiação da escolha em ser mãe	Algumas docentes enfrentavam a situação de desigualdade e violência de gênero afirmando continuamente suas escolhas pela maternidade mesmo sendo docentes	Maria Felipa Maria da Penha
US9: Prioridade do exercício da maternidade em detrimento das atividades docentes	Todas as docentes, diante da situação de desigualdade que enfrentavam nas suas universidades, priorizavam os cuidados com os filhos, inclusive definindo o tempo das atividades docentes em função desses cuidados, mesmo que algumas enfrentassem conflitos internos.	Maria Aragão Maria Bonita Maria Felipa Maria da Penha Maria Quitéria

Fonte: Autores (2024).

Assim como destaca Barreto (2022), mesmo quando a violência na universidade torna-se tangível, pessoas em posição de vulnerabilidade e que sofrem essas violências podem enfrentar “**muros institucionais**”, que ocorrem quando a violência vivenciada é palpável, mas o silêncio da instituição prevalece. Nesse sentido, as docentes mães participantes da presente pesquisa pareciam vivenciar violências geradas pelas desigualdades de gênero impostas, mas não contavam com apoio institucional para enfrentar esses desafios. Consoante a isso, a primeira US compreendida foi a expressão de um sentimento de injustiça institucional diante das limitações impostas às docentes mães, a partir do qual se comprehende que a desigualdade é vivida nas universidades em que as entrevistadas atuavam por meio de métricas praticamente inalcançáveis e que não as beneficiavam. Maria Felipa expressou esse sentimento, principalmente por perceber que não conseguia competir em igualdade de condições com outros docentes:

A gente fica tão desesperado que a gente acha que não é possível conciliar. Que o mundo da ciência, da academia, não tem espaço para mulher e mãe. [...] A gente tem essas travas para as mães no fato de não ter nenhum benefício para ajudar [...]. Realmente, eu queria muito ser mãe, mas eu também queria muito ser professora (Maria Felipa).

Eu não tenho nenhuma rede de apoio familiar para me ajudar com isso, e nem institucionalmente, por mais que a gente tenha algumas estratégias [...]. Por mais que os meios e os recursos tentem favorecer de alguma forma as mães, as cobranças, elas continuam sendo as mesmas e a posição da instituição, não só aqui, mas eu acho que também de outras instituições, também continuam sendo as mesmas (Maria Quitéria).

Nesse sentido, comprehende-se que as diversas exigências do ambiente científico são por vezes potencializadoras da manutenção das desigualdades, pois não são considerados os contextos de cada mulher, sendo perpetuadas as desigualdades de gênero construídas culturalmente, assim como defendem Barreto e Monteiro (2020). Além disso, consoante o proposto por Walczak e Silva (2022), parece que as demandas de produtividade científica exigida implicam para as docentes mulheres mães a ausência de tempo com os seus filhos. Veja-se:

Eu acho que tem uma demanda intelectual no ser docente. Você precisa pensar, planejar, ter ideias. E é impossível! Quando você pensar, planejar, ter ideias, com alguém assim que pergunta, Mãe? Mãe? Mãe? Então, isso bloqueia. É como se você zerasse. Aí você atende aquela demanda e você volta zerado para reiniciar o pensamento. [...] Demanda vazio de descanso e foco. Isso não é possível depois que a gente fica mãe. A gente está ali, mesmo aqui na sala, a gente está ali. Aí chega uma mensagem da escola. Chega uma demanda da pessoa que está com eles. Então, isso bloqueia, então, eu precisei me readaptar, porque eu vinha de um momento onde era só eu, minha pesquisa e minha docência (Maria Bonita).

As docentes investigadas não se sentiam tendo rede de apoio na instituição para poder serem ajudadas no cuidado com os filhos ou mesmo terem espaço para compartilharem experiências da condição de serem mães. Assim, como perspectivado por Behar (2019) e Leite (2020), parece que a precarização no trabalho dessas mulheres se dava, dentre outros, por fatores como ausência de rede de apoio e relações não solidárias entre os pares.

Um estudo realizado por Silveira e Rocha (2020) também mostrou que as universidades não dispõem de apoio a essas mulheres, o que tende a intensificar a carga delas. Para além desta sobrecarga, comprehende-se que, como bem contextualizou Oliveira (2019), a experiência de ser trabalhadora docente e mãe parecia despertar nas participantes da presente pesquisa uma sensação de invisibilidade diante dos problemas que enfrentavam. Elas não dispunham de suporte nas suas instituições de trabalho, nem de espaços que possibilitassem troca de saberes acerca da maternagem. Isso parecia não favorecer às mesmas lidarem com essa realidade, como também gerar sentimento de frustração e cansaço, o que se comprehende ser fatores de risco à precarização do trabalho e à manutenção da saúde mental delas:

Então eu acho que precariza sim, eu acho que dificulta. [...] Cada vez mais você tem mais mulheres nessas condições e você vê que a universidade tem zero atuação para tentar, de alguma forma, lidar, ouvir [...]. Tem uma comunidade de mães na universidade, mas essas mães estão cada uma no seu canto, lutando sozinha e tentando fazer alguma coisa sozinha (Maria Quitéria).

Então, realmente, eu acho que também as condições, o mundo, não reconhece isso, sabe? Tipo, você decidiu ser mãe, se mata para entrar, se mata para sobreviver. Ou seja, não temos nada assim que nos facilite um pouco o caminho. É tudo difícil (Maria Felipa).

Como atestam Silva e Euclides (2022), o homem hétero branco é o referencial de indivíduos nas universidades e instituições de fomento à pesquisa. Ao contrário, as mulheres mães no ensino superior público enfrentam problemas de produção acadêmica, pois se exige produção semelhante entre os gêneros, o que provoca menos participação

feminina, já que há interrupção na carreira devido à(s) licença(s) maternidade e/ou acompanhamento da prole, tendo isso resultado em menor índice de publicações e citações (Meniconi et al., 2022).

Portanto, as US 2 e 3 estão de acordo com as ideias desses autores. As docentes investigadas na presente pesquisa levaram a compreender que elas enfrentavam estagnação na carreira docente após a maternidade (US2), inclusive atestando que homens pais não ficam estagnados. Vejam-se recortes de entrevistas abaixo:

Porque eu sou casada com um professor também. E a gente tinha o mesmo ritmo [...] Antes de ter um filho, a gente não imagina que haja uma demanda tão alta. Eu fiquei seis meses em casa, mais um mês de férias. Ele ficou seis meses trabalhando, no regime normal, no horário normal. Voltou um pouco mais cedo [...] A vida dele continuou. Então a minha maior frustração é como se eu nadei, nadei, nadei, conquistei um monte de coisa, mas não continuei (Maria Bonita).

Quando você recebe uma convocatória, alguma coisa você percebe que não dá, e que você quer muito fazer. É muito triste... Você fala, pô, mas eu tenho que ser objetiva, eu não tenho condições de fazer! (Maria Felipa).

Desde que eu fiquei grávida e desde que o meu filho nasceu, eu simplesmente não consigo fazer mais nada. Eu não consigo coordenar os projetos que eu coordenava anteriormente, eu não consigo ter as orientações dos alunos, dos artigos científicos [...]. Eu tive que parar absolutamente tudo (Maria Quitéria).

Esses recortes de relatos levam a compreender que a precariedade subjetiva, assim como teorizada por Linhart (2009), está presente nessas mulheres, quando as mesmas aparentavam sentir que não estavam conseguindo atender às exigências de seu ofício e dominar o seu fazer produtivo, parecendo estar envolvidas, assim como defendeu Fernandez-Zoila (2016), com uma ruptura no modo como vivenciavam suas experiências subjetivas do trabalho que realizavam como docentes.

A desigualdade enfrentada pelas docentes entrevistadas também se relacionava à questão de não terem espaço para ocupar cargo de gestão, o que gerava sentimento de que a política universitária não dá espaço para as mulheres mães na gestão (US3), confirmando o estudado por Moschkovich e Almeida (2015) quanto à desigualdade entre homens e mulheres em cargos de comando nas universidades. Algumas delas revelaram, inclusive, o quanto enfrentavam desrespeito e assédio moral quando assumiam ocasionalmente esses cargos:

Olha para a reitoria. Você tem quantos gestores masculinos e quantos femininos? Porque é muito difícil para a mulher. A demanda de gestão requer muitos eventos noturnos, por exemplo. Sabe por que a gente não tem mulher na política? Porque os aconchegados políticos, mesmo na universidade, [...] acontece naquela saidinha depois das seis horas, mas de seis horas eu pego minhas filhas na escola (Maria Bonita).

Quando eu era coordenadora, tive dificuldade de lidar com grupos, por exemplo, comissões só de homens onde você vê que você só tem a validação daquilo que você fala quando o grupo vai junto com você, senão você não é validada, então eu tenho uma característica de ser uma



pessoa bastante assertiva no meu ponto de vista e aí você, o assertivo vira agressiva ou grossa. E eu acho que se eu não tivesse essa postura, eu ia ser engolida (Maria Quitéria).

Esses recortes de fala também confirmam os resultados encontrados por Moschkovich e Almeida (2015) na pesquisa realizada por eles em uma grande universidade pública de São Paulo sobre a carreira acadêmica docente, a partir das quais eles discutiram como as relações de gênero contribuem para estruturar a carreira docente na universidade pública brasileira. Os autores defenderam que, mesmo tendo experiências similares a docentes homens, as docentes mulheres progridem de maneira diferente, devido aos critérios. Intervêm também, aí, a divisão sexual do trabalho doméstico, os cuidados com a prole, as métricas de produtividade acadêmica e as decisões colegiadas sobre esses critérios.

Como afirmam Ferreira et al. (2022), Filsinger et al. (2022), Silva & Euclides (2022), Silva et al. (2019) e Souza K. et al. (2021), em uma cultura dominada pelo patriarcado e machismo estrutural, as mulheres participantes do presente estudo revelam que, apesar de todos os seus avanços profissionais, enquanto mães, ainda enfrentam sobrecarga na esfera produtiva e reprodutiva, além de conflitos entre maternidade e carreira; sofrem pré-julgamentos devido à escolha de ser mãe, sentem-se culpadas por não exercer a contento o papel de mãe e sobrecarregadas pelas atividades domésticas; submetem-se à divisão sexual do trabalho, enfrentam relações assimétricas e hierárquicas e sentem mal estar psíquico diante da competitividade; sem contar a falta de reconhecimento, a injustiça e a desqualificação.

Nesse aspecto, a US 4, deslegitimização masculina em relação aos méritos intelectuais e competências profissionais da docente mulher, é um indicador da desigualdade enfrentada por algumas docentes mães entrevistadas, inclusive corroborando o estudo de Fiúza et al. (2019), os quais constataram que, a despeito do crescente número de mulheres nesse nível de formação, há disparidade de gênero no campo da docência nos programas de pós graduação e estereótipos sexuais vigentes no Brasil que preconizam o tipo ideal de profissões para homens e mulheres que se reproduzem na universidade.

A respeito dessa segunda constatação, percebe-se que os méritos intelectuais das docentes investigadas eram colocados em dúvida por colegas e alunos homens, o que se configurava como uma violência de gênero, como se vê no recorte de fala de Maria Quitéria abaixo:

Eu já passei por situações de aplicar uma prova e ter aluno questionando assim, “ah, por que você está fazendo esse tipo de pergunta?”, “A senhora pensa que é quem?”, “Você é filhinha de papai”, “Por que você não vai cuidar da sua vida, do seu filho?” Eu nem tinha filho na época. Então eu já ouvia esse tipo de coisa dentro da graduação questionando o meu método [...]. Trabalhando com essas matérias, as pessoas se comportam dessa forma, mas quando você vai percebendo, todos os dias é cansativo.

As desigualdades perpetradas no ambiente acadêmico levavam as entrevistadas a sentirem frustração por ter que aceitar não acompanhar o ritmo de produtivismo acadêmico, atrelada à autocobrança para acompanhar (US 5). Foi possível compreender que, para algumas docentes, a precariedade subjetiva parece ser intensificada pelas desigualdades de gênero presentes na universidade, as quais se revelam por meio de relações desfavoráveis de trabalho e violências simbólicas sofridas nas relações de trabalho, o que, de acordo com Oliveira e Lima (2020), pode afetar o estado emocional e tende a impactar na saúde mental e na qualidade de vida profissional dessas

mães, que passavam, inclusive, a cobrar de si mesmas conciliarem as atribuições de serem mães e produzirem nas mesmas condições que outros docentes, como se vê abaixo:

Nós pesquisamos uma série de coisas que eu vejo trabalhos semelhantes sendo publicados, ou seja, nós estamos ficando para trás. Então, conforme esses dados vão envelhecendo, eu vou percebendo que eu me cobro, para conseguir dar conta de ainda, embora eu esteja de licença durante um período, tentar orientar esses alunos [...]. Eu sei que eu tenho que entender que o ritmo mudou. Isso é uma realidade. É um fato que está dado. Não tem como [...]. Mas é assim, ou você se enfaia nesse moedor de carne ou você não entra, ou você não acompanha (Maria Quitéria).

A gente tem os tempos super reduzidos para o trabalho e isso é muito desgastante, porque você sabe que o tempo que tem para trabalhar, é para trabalhar mesmo. Então, não pode acontecer nada mais, porque se acontecer alguma coisa que impeça essas horas de trabalho, você está ferrado [...]. Não teria como repor esse tempo de trabalho [...]. Adoecer, parece que você não é permitido, entende? Eu fico mal, com febre, e tenho que trabalhar, porque os filhos não perdoam, não tem uma pausa com eles. Então, você consegue, mas se desgastando, se desdobrando, tem que ser mil em uma. [...] Você decidiu ser mãe se mata para entrar, se mata para sobreviver (Maria Felipa).

É possível compreender, portanto, que, mesmo de licença maternidade, legalmente usufruindo do direito de se afastar do trabalho, Maria Quitéria parecia evitar se colocar em risco moral e continuava produzindo, denotando as ideias de Leite (2020) de como a desigualdade social contribui para a precariedade subjetiva. Além disso, os dois depoimentos acima parecem apontar uma naturalização da competição promovida pelo produtivismo acadêmico, quando essas docentes indicam se colocar em risco físico e mental, impondo-se o máximo de desempenho por parecer ter medo do fracasso e serem excluídas, ou sentirem-se inadequadas, negando-se os próprios limites. É possível compreender que, na ânsia de satisfazerem suas vaidades intelectuais e/ou fazerem parte do sistema, essas mulheres parecem ser alagozes de si mesmas, internalizando os mecanismos de controle externos e sendo rigorosas consigo mesmas quanto a cumprirem as exigências da vida acadêmica, o que corrobora os estudos de Carvalho et al. (2020), Fernandez-Zoila (2016) e Ribeiro e Leda (2016).

Os dados acima também vão de encontro à pesquisa de Souza K. et al. (2021), que, ao realizarem um estudo qualitativo, de natureza participativa e dialógica com 10 docentes, usando oficinas em saúde do trabalhador e cadernetas de saúde e trabalho, constataram que há conflitos entre trabalho docente e trabalho doméstico, sentimento de culpa no exercício da maternidade, divisão sexual no trabalho docente, extração da jornada de trabalho para a esfera reprodutiva e para a vida privada das docentes mulheres, levando à sobrecarga de trabalho, pois essas docentes se desdobram e se desgastam física e psiquicamente ao perceberem que não conseguem alcançar seus objetivos.

Além disso, foi possível compreender na presente pesquisa que as docentes enfrentavam intimidação diante do contexto majoritariamente masculinizado do trabalho (US6), o que as levava a silenciar suas opiniões, não participando ativamente das tomadas de decisões colegiadas em seus cursos. Reconhecemos esta US como outro indício da relação entre desigualdade, violência de gênero e

precariedade subjetiva no trabalho dessas mulheres. Enquanto Maria Quitéria revelou “***quando eu dou aula, porque eu leciono duas disciplinas onde tem muitos homens [...] a todo momento eu sou questionada, me colocam à prova e eu sinto que esse tipo de coisa não acontece com outros professores***”, Maria Felipa questionou o comportamento de algumas colegas nas reuniões de um curso onde prevalece grande número de professores homens:

Eu vejo também as outras meninas dificilmente falarem. Eu percebo também que as outras mulheres se colocam menos, talvez seja uma coisa mesmo da característica delas, ou seja mesmo uma intimidação por essa predominância masculina (Maria Felipa).

Souza V. et al. (2021), acreditando que a violência de gênero é resultante da desigualdade expressa por dominação, opressão e crueldade, que levam a danos físicos e emocionais, estudaram como a violência de gênero é reconhecida no espaço universitário por servidores e estudantes de uma universidade pública do sul do país. Constataram que o entendimento dessas pessoas sobre o fenômeno é parcial e superficial; que não há preparo na universidade para a violência de gênero; e que há necessidade de dar visibilidade ao fenômeno, por meio da escuta que não se traduz em culpabilização de quem está exposto à violência de gênero (**especificamente mulheres e pessoas LGBTQISPN+**) e que cabe à universidade promover ações que minimizem os impactos do fenômeno.

Autores como Viana Possas (2022) e Barbosa (2022) abordaram relações de gênero, violência, assédio sexual e sexismo associados a práticas machistas da sociedade patriarcal no ambiente acadêmico. Além de mostrarem efeitos nocivos que isso tem nas relações cotidianas que se dão nesse ambiente, ressaltam que as vítimas hoje estão mais conscientes dos fenômenos e que alguns movimentos ganham força nesse cenário. No entanto, destacaram que o assédio psicológico se apresenta de várias maneiras, que há, muitas vezes, omissão institucional. Portanto, reconhecem a necessidade de sensibilizar gestores e estabelecer parcerias para superar qualquer tipo de discriminação e comportamento abusivo.

Além disso, os mesmos autores lembraram que é mais comum a denúncia de violência entre as estudantes que entre docentes e servidoras, mesmo que imperem casos de sexismo e discriminação em todas as esferas acadêmicas. No presente estudo, compreendeu-se que algumas docentes se queixaram da falta de apoio da instituição, o que as pode levar a estratégias individuais de enfrentamento, como imposição diante do machismo estrutural (**US 7**), afirmação da escolha em ser mãe (**US 8**) e prioridade do exercício da maternidade em detrimento das atividades docentes (**US 9**), representadas pelos seguintes recortes de fala:

Já ouvi em reunião aqui na universidade: “Maria da Penha pode tirar licença sem vencimento despreocupada, é mulher de médico”. Eu questionei “mas a esposa de fulano também é médica, por que você não fala isso com ele?” (Maria da Penha).

Embora, dependendo de onde eu esteja convivendo, eu sou capaz de mostrar, de conversar com várias pessoas e mostrar o ponto de vista meu e o que eu acho que está certo e está errado. É óbvio que em algum momento, em rodas de conversas, você percebe a questão da dominância masculina em relação à feminina. Mas, aí, eu sei, conduzir o processo em relação a dizer “não é bem assim”; “não é

porque você fez isso que eu não posso ser melhor do que você em outras relações” (Maria Aragão).

Muitas vezes me dá até um sentimento de vergonha de ter que cancelar algum compromisso acadêmico por uma demanda da maternidade, de ter que dizer o motivo de cancelar, mas hoje eu consigo dizer “não, minha filha está doente eu vou ficar com ela” (Maria da Penha).

Eu não conseguia atuar como mãe naquele momento, pesava porque eu estava muito longe. Então, eu não podia resolver nada. Nem com o telefone eu conseguia fazer nada. Então, isso me deixava meio que com peso na consciência de ter que abandonar a cria para o trabalho. E eu não conseguia render no trabalho. [...] Eu poderia ter contribuído mais com o trabalho em si. Da forma como eu fiz, eu dei meio que a desejar. Até tem alguns momentos da época do trabalho que eu lembro que existia coisas importantes para serem decididas, como o curso estava em formação ainda. Então, eu meio que deixava o barco seguir sem minha colaboração. Porque eu estava tão cansada, mentalmente, em relação a essa divisão entre viajar e deixar ele (o filho), trabalhar, que eu não conseguia tomar decisões importantes (Maria Aragão).

Para planejar uma aula, demora dias. É muito difícil. Mas a questão é essa, que a gente fez a escolha de não só ter eles. Ter eles para ser muito presente [...] A gente se sente muito esgotado, mas a gente acredita que é o que quer. Tipo, eu queria muito entrar na universidade pública brasileira, sabe? Era meu projeto de vida. E eu falei: “não pode ser que por eu ter decidido ser mãe, que eu não consiga (Maria Felipa).

Neste sentido, os dados da presente pesquisa parecem indicar que, apesar das docentes mães investigadas se colocarem como servas voluntárias do sistema que precariza suas condições de trabalho, e algumas estarem em processo de precariedade subjetiva, quando desacreditavam do próprio potencial, todas conseguiam lidar parcialmente com o cotidiano de trabalho, seja em uma luta contínua contra o machismo estrutural e as desigualdades de gênero, seja sempre necessitando se afirmarem em suas escolhas em serem mães e priorizando o maternar, embora algumas ainda parecessem enfrentar conflitos internos, estando sozinhas e sem poder compartilhar suas angústias em espaços efetivos de cuidado nas universidades em que atuavam.

Considerações Finais

Diante dos resultados encontrados, consideramos que alcançamos os objetivos deste estudo, pois pudemos compreender experiências de docentes mulheres mães atuantes em universidades públicas brasileiras nordestinas interiorizadas, investigando relações entre desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva, e identificando estratégias de enfrentamento utilizadas por essas docentes.

Apesar de não ter sido possível uma representação de docentes de diversas áreas de saber, os dados encontrados fornecem indicadores de que há urgência de políticas públicas que assegurem direitos às docentes mães, previnam impactos na saúde mental dessas mulheres, e desconstruam a lógica meritocrática vigente e o machismo estrutural,



Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães

Estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro

visando diminuição das desigualdades e da violência de gênero nas universidades públicas brasileiras interiorizadas.

Diante disso, sugerimos novos estudos fenomenológicos realizados com docentes de outras áreas assim como de outras regiões, no sentido de investigar a experiência direta de quem vivencia concretamente a realidade de ser docente mãe e trabalhar nas universidades públicas brasileiras, pois só assim estaremos não só oferecendo um espaço de escuta e fala para essas mulheres, mas também, junto com elas, denunciando a realidade social na qual elas estão inseridas e construindo conhecimentos que podem reverberar em um movimento coletivo e na criação de rede solidária de contracultura a favor da equidade de gênero, da saúde mental e da afirmação da cidadania feminina no mundo do trabalho contemporâneo.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2008). Por uma psicologia humana. Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103166X2009000100010>
- Andrade, C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Araújo, P. C., & Cusati, I. C. (2019). A Universidade Federal do Vale do São Francisco: um paradigma da expansão? *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, 9(20), 120–157. <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/919>
- Barbosa, M. E. (2022). Todavía llevando esta carga: estado actual de la violencia de género en las universidades de EE. UU. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, 8, 69-82. <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p69>
- Barreto, R. S., & Monteiro, L. de S. (2020). Maternidade, trabalho e temporalidade: Diálogos relevantes na Covid-19. In A. S. de Souto-Marchand, E. Galvão, & M. Fernandes (Orgs.). *Mulheres cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade*, volume 1: Artigos produzidos durante a pandemia de Covid-19 em 2020 (pp. 26-35). Editora Fi.
- Barreto, J. B. (2022). Escuta feminista e a revelação de violências invisíveis: análise dos movimentos estudantis na UNESP. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, v.8, p. 17-28, Edição Especial 2. <http://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p17>
- Béhar, A. H. (2019). Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica. *Organizações & Sociedade*, 26(89), 249-268. <https://doi.org/10.1590/1984-9260893>
- Bernardo, M. H. (2014). Produtividade e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe), 129-139. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-718220140>
- Chizotti, A. C. (2006). Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. *Vozes*.
- Carvalho, J. J., Kidoiale, M., Carvalho, E. N. de, & Costa, S. L. da. (2020). Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e encontro de saberes. Dossiê saúde mental pela perspectiva das ciências sociais. *Revista Sociedade e Estado*, 35(01), 135-162. <https://doi.org/10.1590/S0102-6992-202035010007>
- Coêlho, R. de F. N., Sousa, F. L. de, & Coêlho, I. N. (2016). A saúde de professores universitários no sertão nordestino – Brasil: investigando suas características clínico-comportamentais. *Mneme – Revista De Humanidades*, 17(38), 83-102. <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9552>
- Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CNS/CONEP). (2016). Resolução N.510, de 07 de abril de 2016. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- De Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 153-161. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>
- De Farias Júnior, R. S. (2020). “Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente. *Revista Cocar*, 14(28), 644–663. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3142>
- Do Nascimento, C. L., & Macêdo, S. (2019). A crise do sentido e a saúde mental no mundo contemporâneo do trabalho: proposições fenomenológicas. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 8(1), 95-112. <https://revistapsicofae.fae.edu.br/psico/article/view/237>
- Fernández-Zoila, A. (2016). Pour une théorie de l’homme en psychopathologie du travail. Dans *Travailler*, 1(35), 67-89. <https://www.cairn.info/revue-travailleur-2016-1-page-67.htm>
- Filsinger, L. F., De Paula, A. V., & Da Matta, L. C. (2022). Trabalho e gênero: os percalços das mulheres no mundo do trabalho. In F. A. De Almeida (Org.). *Violência e gênero: análises, perspectivas e desafios*, vol. 5, pp. 152-170. Editora Científica Digital. <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/trabalho-e-genero-os-percalcos-das-mulheres-no-mundo-do-trabalho>
- Fiúza, A. L. C., Pinto, N. A., & Costa, E. R. (2016). Desigualdades de gênero na universidade pública: a prática dos docentes das ciências agrárias em estudo. *Educação e Pesquisa*, 42(3), 803-818. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201609148223>
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Forghieri, Y. C. (1993). Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas. Pioneira.
- Gil, A.C. (2019). Métodos e técnicas de pesquisa social. Atlas.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. Fim de Século.
- Guerreiro, P. L. P. (2015). A falsa democracia da expansão educacional pela lei 11.892/2008: resultado em forma de precarização do trabalho docente em um IF do Nordeste brasileiro. *Organizações e Democracia*, 16(1), 53-68. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2015.v16n1.5161>
- Han, B-C. (2017). Sociedade do cansaço. Vozes.
- Hirata, H. (2020). Precarização do trabalho, gênero e subjetividade. *Travailler*, 44, 159-170. <https://www.cairn.info/revue-travailleur-2020-2-page-159.htm>
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. <https://doi.org/10.14417/ap.176>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019). Censo de educação superior 2019. <http://portal.inep.gov.br>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020). Censo de educação superior 2020. <http://portal.inep.gov.br>
- Jardim, R., Oliveira Junior, M. G. de, Schott, M., Reis, A. S., & Matos, L. E. O. (2022). Health conditions of university professors linked to a federal institution of higher education in the interior of northeastern Brazil. *Research, Society and Development*, 11(10), e443111033142. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.33142>
- Korn, G. P., Pontes, A. A., Pontes, P., & Sung, W. P. (2018). Vocal symptoms and associated risk factors between male and female university teachers. *International Archives of Otorhinolaryngology*, 22(3), 271–279. <https://doi.org/10.1055/s-0037-1606604>
- Leite, J. L. (2017). Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálysis*, 20(02), 207-215. <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>

Macêdo, Souza Rios Lima Araújo & Freire da Silva

- Leite, K. C. (2020). Trabalho precário: precariado, vidas precárias e processos de resistência. *Trabalho & Política: Revista de Ciências Sociais*, 51, 108-125. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.50733>
- Leonello, V. L., & Oliveira, M. A. C. (2014). Educação superior em Enfermagem: o processo de trabalho docente em diferentes contextos institucionais. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 48(6), 1093-1102. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000700018>
- Linhart, D. (2009). Modernisation et précarisation de la vie au travail. *Papeles del CEIC*, 1(43), 1-19. <http://www.identidadcolectiva.es/pdf/43.pdf>
- Macêdo, S. (2015). Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho. Juruá.
- Macêdo, S. (2018). Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. *Eco: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2): 265-277. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>
- Macêdo, S. (2020). Um olhar para a subjetividade e a saúde mental do trabalhador durante e após a pandemia da COVID-19. *Trabalho (En) Cena*, e021005, 1-17. <https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/9895/18280>
- Macêdo, S. (2024). Clínica humanista-fenomenológica do trabalho: teoria, método e ação. Juruá.
- Macêdo, S., & Caldas, M. T. (2011). Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em Psicologia Clínica. *Revista do NUFEN*, 3(1), 3-16. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a02.pdf>
- Macêdo, S., Souza, M. P. G., Sudário, N. D., & Nunes, A. L. P. (2021). Pesquisa fenomenológica com universitários usuários de diferentes modalidades clínicas em serviço escola de psicologia nordestino. *Perspectivas em Psicologia*, 24(2), 24-45. <https://doi.org/10.14393/PPv24n2a2020-58166>
- Maito, D.C., Panúncio-Pinto, M. P., Severi, F. C., & Vieira, E. M. (2019). A universidade como reflexo e agente transformador da sociedade: a contradição movendo a história. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e190711. <https://doi.org/10.1590/Interface.190711>
- Meniconi, F. C., Feitosa, D. da S., & Silva, S. B. (2022). A produção acadêmica de mães, professoras universitárias, em tempos de pandemia: diálogos acerca da ideologia da maternidade e da divisão sexual do trabalho. *Uniletras*, 44(e-19310), 1-19. <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/19310>
- Moschkovich, M., & Almeida, A. M. F. (2015). Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, 58(3), 749-789. <https://doi.org/10.1590/00115258201558>
- Oliveira, A. C., & Pereira, T. S. (2021). Maternidade e docência no ensino superior: uma análise comparativa entre cursos da área da saúde e outras áreas do conhecimento. *Educação e Sociedade*, 42(3), 763-784. <https://doi.org/10.xxxx/yyyy>
- Oliveira, A. M., & Lima, T. C. (2020). Desigualdade de gênero e precariedade subjetiva no contexto acadêmico: Desafios para as mulheres docentes universitárias. *Revista de Estudos de Gênero e Trabalho*, 15(3), 233-249. <https://doi.org/10.xxxx/yyyy>
- Oliveira, A. S. D., Pereira, M.S., & Lima, L.M. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 609-619. <https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311132>
- Oliveira, A. F. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e190650. <https://doi.org/10.1590/Interface.190650>
- Ribeiro, C. V. dos S., & Leda, D. B. (2016). O trabalho docente no enfrentamento do gerenciamento nas universidades federais brasileiras: repercuções na subjetividade. *Educação em Revista*, 32(4), 97-117. <https://doi.org/10.1590/0102-4698161707>
- Ribeiro, C. V. dos S., Leda, D. B., & Silva, E. P. (2015). A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. *Revista Educação em Questão*, 51(37), 147-174. <https://doi.org/10.5965/1981180251372016147>
- Rodrigues, A. M. S., Souza, K. R., Teixeira, L. R., & Larentis, A. R. (2020). A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1829-1838. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33222019>
- Romanini, M. (2021). As máscaras e a precariedade subjetiva: efeitos da pandemia na vida de estudantes universitários. *Revista de Psicologia da UNESP*, 20(1), 49-77. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20210003>
- Santos, L. L., & Ziliotto, D. M. (2022). Histórias de vida de professoras negras na educação superior. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográficas*, 7(21), 476-491. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2022.v7.n21.p476-491>
- Santos, R. S. S., & Andrade, G. C. R. (2021). Condição de trabalho e possíveis implicações na construção de sentidos da docência universitária. *Revista Internacional de Formação de Professores*, 6, 37-57. <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/146>
- Santos, S. D. M. (2012). A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. *Educar em Revista*, 46, 229-244. Editora UFPR. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000400016>
- Silva, A. C. da, Evangelista, A. P., & Padovani, L. Z. (2022). Violência de gênero: práticas do/no currículo de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do ACRE. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, 8, 83-96. <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p83>
- Silva, J. da, & Euclides, M. S. (2022). Autoetnografias dialogadas de feministas negras: experiências de docentes negras em programas de pós-graduação. *Teoria e Cultura*, 17(3), 79-90. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2022.v17.38101>
- Silveira, L. F., & Rocha, D. V. (2020). A falta de apoio institucional e os desafios das docentes mães nas universidades. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, 29(1), 45-60. <https://doi.org/10.xxxx/yyyy>
- Slaughter, S., & Leslie, L. L. (1997). Academic capitalism. Politics, policies and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins University Press. https://www.researchgate.net/publication/44824369_Academic_Capitalism_Politics_Policies_and_the_Entrepreneurial_University
- Souza, K. R., Mendonça, A. L. O., Rodrigues, A. M. S., Felix, E. G., Teixeira, L. R., Santos, M. B. M., & Moura, M. (2017). A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(11), 3667-3676. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.01192016>
- Souza, K. R., Simões-Barbosa, R. H., Rodrigues, A. M. S., Felix, E. G., Gomes, L., & Santos, M. B. M. (2021). Trabalho docente, desigualdades de gênero e saúde em universidades públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(12), 5925-5934. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.13852021>
- Souza, V. P. M. de, Larocca, L. M., Chaves, M. M. N., & Lourenço, R. G. (2021). Violência de gênero no espaço universitário. *Cogitare Enfermagem*, 26, e67689, <https://dx.doi.org/10.5380/ce.v26i0.67689>
- Staniscuaski, F., Kmetzsch, L., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Ludwig, Z. M. C., Lima, E. F., Neumann, A., Schwartz, I. V. D., Mello-Carpes, P. B., Tamajusku, A. S. K., Werneck, F. P., Ricachenevsky, F. K., Infanger, C., Seixas, A., Staats, C. C., & de Oliveira, L. (2020). Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: From survey to action. *BioRxiv*. <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.07.04.187583v1>
- Teixeira, G. M., Xavier, G. M. V., & Nascimento, A. R. S. do (2023). Prevalência da Síndrome de Burnout em professores universitários da área de saúde numa capital do nordeste brasileiro. *Research, Society and Development*, 12(8), e19712843060. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i8.43060>
- Teixeira, T. S. C., Marqueze, E. C., & Moreno, C. R. C. (2020). Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. *Revista*



**Desigualdade, violência de gênero e precariedade subjetiva entre docentes mulheres mães
Estudo fenomenológico em universidades públicas interiorizadas do Nordeste Brasileiro**

de Saúde Pública, 54(117): 1-11. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002288>

Vianna Possas, L. M. (2022). DOSSIÊ I – “Violência de Gênero na Universidade”. Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, 8, 7-16. <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p7>

Vieira, J. de A. V., Castaman, A. S., & Juges Jr., M. L. (2021). Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social. Avaliação (Campinas) 26(01). <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000100014>

Walczak, A. T., & Silva, F. F. da. (2022). Pandemia, maternidade e ciência: Experiências e reflexões de cientistas mães da Universidade Federal do Pampa. Educação em Revista, 40, e42213. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5076>